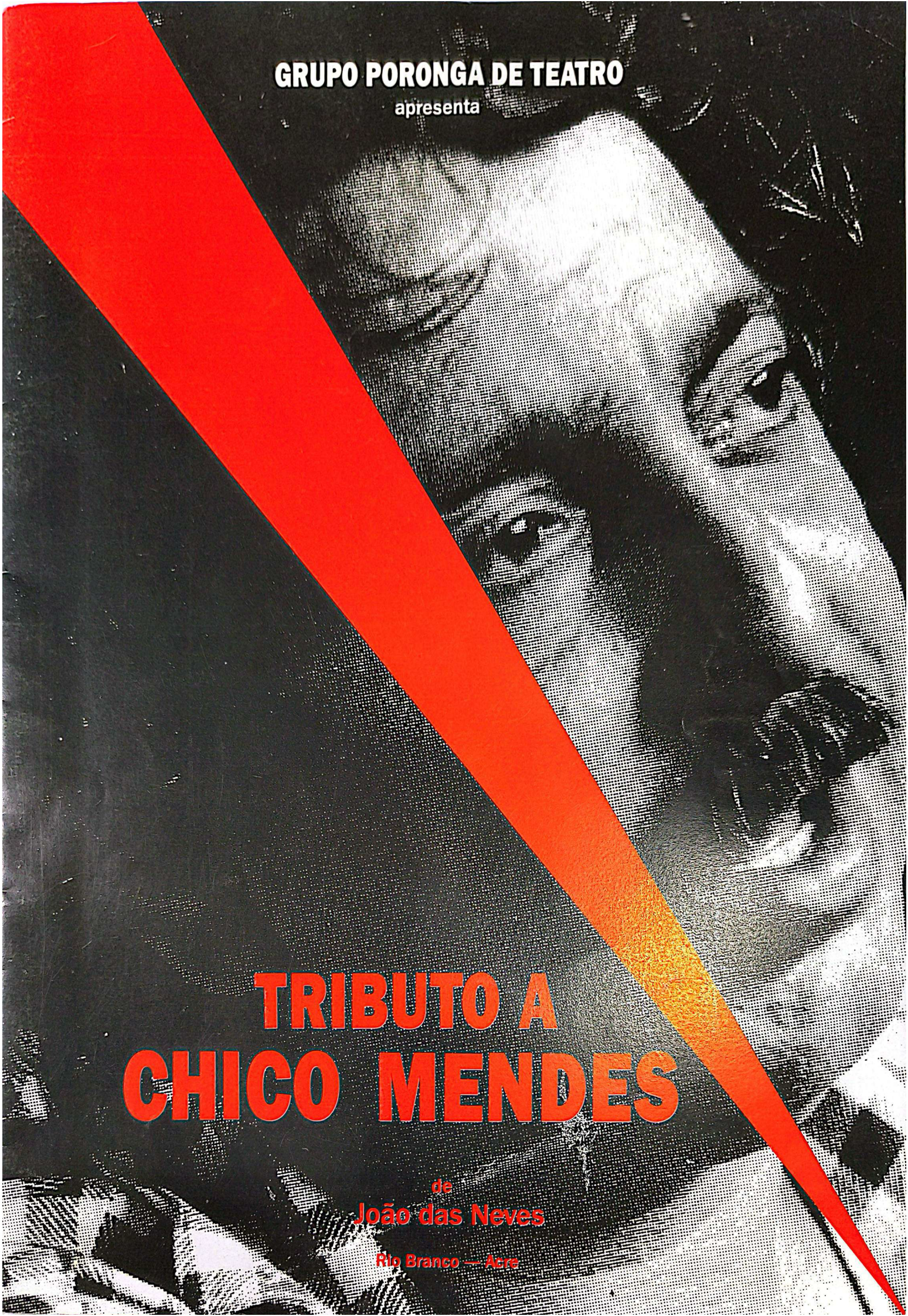

GRUPO PORONGA DE TEATRO
apresenta
TRIBUTO A
CHICO MENDES
de
João das Neves
Rio Branco — Acre

TRIBUTO A CHICO MENDES

O trabalho nasceu de uma solicitação feita por membros do Conselho Nacional dos Seringueiros e do CTA — Centro dos Trabalhadores da Amazônia a João das Neves para que preparasse um documentário teatral que pudesse ser encenado durante a realização do II Encontro Nacional dos Seringueiros e I Encontro dos Povos da Floresta.

A idéia foi comprada pela Fundação Cultural do Acre que após conhecer o texto escrito por João das Neves, patrocinou a sua vinda a Rio Branco para que completasse o trabalho, realizando a direção do espetáculo, além de financiar-lhe a produção. Para tanto, João, que havia estado em Rio Branco em 1987 realizando uma Oficina de Técnicas Teatrais com a duração de três meses e que, desde então, tem se interessado em acompanhar de perto os trabalhos do Conselho Nacional dos Seringueiros e da União das Nações Indígenas, além de manter contato constante com os grupos de teatro da capital, reuniu alguns dos integrantes desses grupos, como o "De Olho Na Coisa", liderado por Matias, ex-seringueiro que tem um trabalho constante na periferia de Rio Branco, o "Verso", integrado por universitárias, lideradas por Clarisse Baptista, ex-aluna de João das Neves na CAL, do Rio de Janeiro, o "Quarto Fuso", de Dinho Gonçalves, além de outros atores que haviam participado ou não do seu curso (Major, Henrique, Nilda), e do conjunto musical "Os Alquimistas". Coincidentemente, estava em Rio Branco, na época, a convite da Fundação Cultural, realizando um curso de máscaras, o cenógrafo e aderecista, Nonato Tavares, que convidado pelo diretor do espetáculo, a ele se integrou criando máscaras, adereços e trabalhando como ator. Deste conjunto de esforços nasceu o espetáculo Tributo a Chico Mendes que, após encerrar o II Encontro Nacional dos Seringueiros e I Encontro dos Povos da Floresta, tem viajado por todo o Acre levando aos espectadores a oportunidade de refletirem sobre as circunstâncias que envolveram o assassinato do líder sindical e ecologista Chico Mendes, em dezembro de 1988. O Grupo foi batizado de Poronga pelos próprios seringueiros, quando da apresentação do espetáculo em Xapurí para o encerramento do Curso de Monitores Seringueiros, que ao verem o grupo desembarcar na Rodoviária, cada ator com uma poronga nas mãos, começaram a fazer as chamadas para o espetáculo, dizendo que os "universitários" do Grupo Poronga iriam apresentar no Centro Comunitário e em praça pública o Tributo a Chico Mendes. Ao grupo não restou senão aceitar a homenagem e incorporar definitivamente o nome "poronga".

Quanto ao espetaculo, trata-se, como já foi assinalado, de um documentário, mas um documentário que procura não se limitar à frieza dos documentos, utilizando-os quer em sua forma original, que transplantando-os para formas mistas de representação, onde tem lugar desde o contador de "causos" — no caso, de histórias de onça — como era o próprio Chico Mendes, até o uso da música de feiras, de folguedos populares e técnicas da peça radiofônica. Narra-se, assim, não a história de Chico Mendes, mas de como se deu a sua morte e se realiza a sua luta e a dos povos da floresta: os obstáculos à sua frente, as respostas que o movimento, em sua tentativa de organização, encontra para superá-los, os caminhos que tem de percorrer — desde a alfabetização da maioria de seus membros até a realização dos "empates" para que a luta pelas reservas extrativistas possa ser vitoriosa. Aqui não estão presentes todos os elementos componentes dessa luta, não é o objetivo deste trabalho, e talvez fosse impossível, no momento. Mas estão presentes, isto sim, alguns traços essenciais da mesma. Contar histórias de onça, por exemplo, pode parecer que não tem nada a ver com a luta dos índios e seringueiros, mas tem na medida que nos revela um Chico Mendes que, ainda na intimidade de seu lar, estava preocupado com a preservação de uma identidade que pudesse servir de norte para que a aliança dos povos da floresta viesse a se tornar cada vez mais sólida. Se fruto de uma reflexão mais demorada ou da pura intuição desse líder excepcional, não importa. Importa registrar que foi esse "saber", largamente utilizado por Chico em todos os aspectos de sua atuação que fez dele, ao mesmo tempo, um excelente interlocutor, porque sempre disposto ao diálogo com quem quer que fosse, e um interlocutor perigoso por seu poder de perssuasão e por representar, legitimamente, a quem representava. Portanto, um interlocutor a ser eliminado. Se o espetáculo tiver conseguido levantar eficazmente essas questões, sua missão, com certeza, estará bem cumprida.

FRANCISCO GREGÓRIO DA SILVA FILHO
Diretor Presidente da Fundação Cultural do Acre

COMO SE FAZ UM EMPATE: JUNTOS!

Quando o João das Neves nos convidou para musicarmos as letras de *Tributo a Chico Mendes*, aceitamos prontamente. Com todo prazer. Claro que nos preocupamos, o tempo era pouco — como sempre — e achávamos que seria necessária uma pesquisa profunda daquilo que seria música no texto, mas ao ler o texto, verificamos que estávamos mais próximos do seu espírito do que pensávamos, o que só nos foi confirmado com a conversa posterior com o João. A reflexão conjunta sobre a luta e o trabalho do Chico nos dariam, a seguir, as respostas do que fazer e de como fazê-lo. Como se faz um empate: juntos!

Quanto ao que fazer, o João já havia refletido e o resultado dessa reflexão está claro no seu trabalho de teatro: a música deve manifestar a resistência política e cultural, deve manifestar a alegria de viver que caracteriza a luta de Chico, de seus companheiros e de tantos outros, inclusive de nós que estamos sendo chamados a nela tomar parte.

Daí expressões como a do cantador, presença de folguedos como o bumba-meu-boi, forró, que revelam as manifestações culturais do nordestino seringueiro, do soldado da borracha, daqueles que desbravaram esta terra e que hoje, junto aos seus habitantes ancestrais, os povos indígenas, resistem às mais diversas formas de opressão e de tentativas de acabar com aquilo que ninguém pode tirar do homem: o seu pensamento.

E viva o prazer de resistir com alegria, viva a sabedoria de Chico Mendes.

OS ALQUIMISTAS
(dos bares da vida)

Impresso em março de 1990, nas oficinas da
Gráfica Europa e Editora Ltda
Rua Sargento Silva Nunes, 77
— Rio — Tel. (021) 290-3181

Projeto gráfico, composição e arte
Bitaurus Produção Gráfica e Editora Ltda
Av. Gomes Freire, 176 - 905 - Centro
Rio de Janeiro — Tel. (021) 242-0326

TRIBUTO A CHICO MENDES

Texto e direção: João das Neves

Elenco: (por ordem de entrada em cena):

Clarisse	Major	Nilda Dantas
Henrique Silvestre	Matias	Nonato Tavares
Dinho Gonçalves	Edite Girão	João das Neves
Claudio Matias	Ivete Souza	

Músicos: Fco. Monteiro: *acordeon e vocal*; João Veras: *violão, flauta, percussão e vocal*; Narciso Augusto: *violão, vocal e percussão*; Zé do Cavaco: *cavaquinho e percussão.*

Músicas: João das Neves e Os Alquimistas

Vozes em off: Raimundo de Barros, Júlio Barbosa, João das Neves, Nonato Cruz e Reginaldo Cordeiro

Adereços e bonecos: Nonato Tavares

Gravação e montagem das fitas: Robson Vilela

Operação de som: Socorro Calixto

Operação de luz: Solange Caetano

Produção executiva: Clarisse, Socorro Calixto e Solange Caetano

Documentário teatral feito especialmente para o II ENCONTRO NACIONAL DE SERINGUEIROS e I ENCONTRO DOS POVOS DA FLORESTA, de 25 a 31 de março de 1989.
Foram utilizadas livremente para a realização desse documentário, as matérias publicadas em jornais e revistas de todo o Brasil, que enfocaram os acontecimentos envolvendo a morte de Chico Mendes, além de material produzido pelo Comitê Chico Mendes-Acre e Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia.

Apoio Cultural:

Fundação Cultural do Estado do Acre